

# A gramaticalização numa perspectiva diacrônica: contribuições baianas\*

Rosa Virgínia Mattos e Silva

Universidade Federal da Bahia/CNPq

Apresenta-se neste texto, com alguns acrescentamentos, exposição feita em mesa redonda no Encontro da ANPOLL/2002. Seu objetivo é relatar, sinteticamente, pesquisas sobre gramaticalização realizadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da UFBA: teses de doutorado concluídas e em andamento; dissertações de mestrado concluídas e em realização. Finaliza-se com alguns questionamentos sobre o processo de mudança linguística designado de gramaticalização.

É preciso que nosso trabalho filtre as idéias que importamos.  
(BORGES NETO, 1996: 82)

## 1 De como aportou a Gramaticalização em São Salvador da Bahia: uma introdução

Corria o ano de 1996 e, reestruturado o nosso Programa de Pós-graduação, iniciou a nova estrutura curricular em que estavam incluídos o que foi designado de *Seminários Avançados*. Fiquei eu encarregada de coordenar o *Seminário III*, para as áreas de Linguística Histórica, Teórica e Aplicada.

Sendo modulares esses *Seminários*, convidei em 1996 e em 1998, para ministrar um dos módulos Ataliba de Castilho e o tema, em ambos, foi Funcionalismo e conseqüentemente gramaticalização. Voltara o referido professor de um estágio com C. Lehmann e, para o *Seminário* de 1996 nos trouxe o *Relatório* desse estágio, publicado em 1997, como artigo, na *Revista* de nosso Programa de Pós-graduação. Sintomaticamente as duas primeiras teses defendidas no Instituto de Letras da UFBA foram sobre gramaticalização (Poggio 1999 e Barreto 1999). Para os *Seminários* de 1999 e 2000, convidei Maria Luiza Braga, para ministrar suas aulas sobre a temática. A influência de ambos já se fez notar nas teses em andamento de Sônia Costa, Emília Helena Monteiro e Anna Maria Macêdo, orientadas por mim e na dissertação concluída, em janeiro deste ano, de Lucas Campos, que teve como orientadora Therezinha Barreto e na dissertação de Pascásia Costa, em andamento, sob minha orientação.

Como se pode ver foi rápida e avassaladora a entrada dos funcionalismos e da gramaticalização em nosso território.

Convidada por Maria Luiza Braga para compor esta Mesa Redonda no Encontro Nacional ANPOLL-2002, direi, sem falsa modéstia, que qualquer um dos acima referidos melhor desempenharia o papel que aqui me coube, uma vez que nunca publiquei, nem pesquisei especificamente sobre gramaticalização. Mas, confesso que, na leitura crítica das referências utilizadas e nas discussões com meus orientandos, venho construindo meu pensamento sobre esse processo instigante de mudança linguística.

Os estudos sobre gramaticalização aportaram em um ninho de estudiosos da história da língua portuguesa, que compõe o Grupo de Pesquisa Programa para a história da língua portuguesa (PROHPOR) e, muito provavelmente por isso, logo deu fruto. O PROHPOR hoje tem três vertentes de pesquisa - a dos estudos sobre o português arcaico, a dos estudos sobre a história do português brasileiro e a que, de brincadeira, chamo a dos “gramaticalizadores”. E eu até já estou me gramaticalizando...

Brincadeiras e metáforas à parte, o que pretendo com este texto é relatar, como solicitado por Maria Luiza Braga, o que se fez e faz sobre gramaticalização e, em seguida, levantar alguns questionamentos para debatermos.

Dedicando-me à Linguística Histórica e, sobretudo, à História da Língua Portuguesa, a partir dos anos sessenta, já conhecia Antoine Meillet, desde a licenciatura pela mão do mestre Nelson Rossi. Lemos, eu e minhas colegas, o célebre *Les langues du monde*, mas também a coletânea *Linguistique*

*historique et linguistique générale* (1958) em que estão os hoje tão citados estudos *L'évolution des formes grammaticales* e *Les renouvellements des conjonctions*, em que seu autor avaliza e batiza a gramaticalização.

A presença, em Salvador, desses mestres sedutores - Ataliba e Malu - reorientou muito da pesquisa que desde 1992 se desenvolve no PROHPOR e reenquadrou nos moldes do funcionalismo/gramaticalização alguns dos projetos de membros desse Grupo de Pesquisa. Sobre eles, então, passarei a relatar.

## 2 Relato sobre estudos de gramaticalização concluídos e em andamento

Comporei este relato seguindo a ordem histórica de sua elaboração e logo informo que todos eles se baseiam em *corpora* bem descritos para daí testarem as interpretações teóricas. Essa preocupação com o descritivo se deve, certamente, à minha formação estruturalista, adquirida no meu Mestrado em Brasília, entre 1963 e 1965.

A primeira tese defendida na orientação funcionalista foi a de Rosauta Poggio (1999) - *Relações expressas por preposições no latim e no período arcaico do português*, redimensionada e já reescrita em livro. Baseou-se no original latino dos *Diálogos de São Gregório* – texto do século VI, um dos clássicos da *Patrologia Latina*, de grande divulgação na Idade Média ocidental – e na versão trecentista em português. Selecionou os dois primeiros livros dos *Diálogos* e neles recortou todas as seqüências de adjuntos adverbiais marcados por preposições em português e no latim, tanto os marcados por preposições como aqueles marcados na morfologia nominal. Aplicou a esse extenso conjunto de dados princípios e conceitos teóricos próprios ao funcionalismo e à gramaticalização. Quanto aos processos morfossintáticos, analisou a sintatização, a morfologização e a fonologização. Para alguns desses itens preposicionais utilizou propostas de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991: 156-158). Quanto aos processos formadores de preposições no português (raras são as preposições do latim que permaneceram como tal no português), depreendeu que as novas preposições provêm de N > NUM > V > ADV, em ordem decrescente. Fez uma acurada análise semântica com base em vários autores (Pottier, Coseriu, Lakoff, Svorou). Admitiu, segundo Svorou (1993), que nas preposições analisadas não há rigidez no *continuum* unidirecional espaço > tempo > noção abstrata, mas ressalta que não há rigidez nessa seqüência canônica e afirma que, de um sentido espacial, uma preposição pode ampliar-se em direção a uma maior abstração, apresentando irradiações, sem, necessariamente, passar pelo sentido temporal. Sem intenção de questionamento teórico, apresenta um bom exemplo contra a tão debatida questão da unidirecionalidade no processo de gramaticalização, indicada já por Antoine Meillet, quando propõe as seqüências clássicas de *categorias maiores* para as *menores* e retomada nos estudos recentes sobre gramaticalização como é o caso de Hopper (1991).

No dia subsequente a Rosauta Poggio, defendeu a sua tese - *Gramaticalização das conjunções na história do português* - Therezinha Barreto. Nela a autora retomou o tema de sua dissertação de mestrado, em que utilizou um *corpus* do português arcaico (sécs. XIII a XVI) e trabalhou numa abordagem descritiva. Alargou na tese o seu *corpus*, utilizando textos dos meados do século XVI e XVII, confrontando com o português contemporâneo do Brasil e de Portugal (NURC e Português Fundamental, respectivamente). Nessa base de dados, depreendeu 137 itens conjuncionais, em todas as suas ocorrências, com eles constituiu um *Glossário*, em que reuniu informações diacrônicas, do latim para o português. Com essa base de dados, desenvolveu a sua análise, a partir de sub-grupos de conjunções. Utilizou a teoria funcionalista e, no estudo morfossintático, se baseou em Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) e Hopper e Traugott (1993). Para os itens conjuncionais espaciais se baseou, na análise semântica, em Soteria Svorou (1993). Dos 137 itens examinados, apenas dez já vêm gramaticalizados do latim. Na formação morfossintática dos novos itens, identificou, na trajetória da gramaticalização, a escala seguinte em ordem decrescente: PREP > ADV > V > N > PRON > CONJ. Note-se que, enquanto quatro categorias (N > NUM > V > ADV) formam preposições, são seis as que formam os itens conjuncionais, numa ordenação seqüencial distinta. Na análise semântica, verificou-se que processos metonímicos predominam (80%) em relação aos metafóricos (14%) na formação das conjunções. Os restantes resultam de outros processos (analogia, associação, por exemplo). Considerou também a *discursivização* dos itens *e, ou, ca* (arc.), *mas, pois, ergo* (arc.), *portanto*. No que concerne à unidirecionalidade, segundo o *cline* canônico (categorias maiores > medianas >

menores), verificou que são as preposições (categoria menor) e os advérbios (categoria mediana) os mais produtivos na formação das conjunções. Quanto à trajetória semântica, destaca que está sempre presente a crescente abstratização, uma vez que conteúdos de espaço e tempo passam a expressar diferentes relações: causa, concessão, proporcionalidade etc. No que concerne à trajetória morfossintática, são as categorias menores e medianas as principais formadoras de conjunções, o que parece levar à conclusão que, entre as “menores”, a “menor” será a conjunção. Afirma, por fim, que os processos de gramaticalização nos grupos de itens conjuncionais analisados são, na realidade, resultados de pressões pragmáticas e discursivas, que se manifestam no momento da intenção verbal. Esta síntese, tenho certeza, não dá conta da complexidade da tese realizada por Therezinha Barreto.

A tese de doutorado, em fase final de elaboração, de Sônia Costa - *Adverbiais espaciais e temporais do português: indícios diacrônicos de gramaticalização*, resulta de um já longo tempo de reflexão sobre a categoria dos advérbios. Em face da complexidade conhecida dos chamados advérbios, recortou para a sua tese os adverbiais espaciais e temporais para neles flagrar processos de gramaticalização. O *corpus* básico da tese é um conjunto de textos dos meados do século XVI, comparando-os com o que já pesquisou e publicou em artigos e comunicações em textos dos séculos XIV e XV. No aspecto morfossintático, mostrará a composição dos adverbiais, relacionando-os com o seu étimo. Nesse aspecto constitutivo já identificou 23 processos de formação de advérbios e 22 processos para as locuções adverbiais, como se pode ler no seu artigo de 1997. Nesses processos, as categorias que podem formar adverbiais são: ADV, PREP, N, ADJ, PRON, V e SN, que podem ocorrer combinados para formar outros adverbiais. Quanto ao aspecto semântico, que, parece, o que agora nela desperta maior interesse, terá como base na análise a hipótese localista, a teoria dos protótipos e a semântica cognitiva. No texto de seu *Exame de qualificação* (2001), agrupou esses advérbios em quatro grandes classes e nelas sub-classes: *Espaço* (localização, deslocamento, distância, extensão); *Tempo* (localização, ordenação, recorrência, frequência, rapidez, extensão); *Aspecto* (duração, manutenção, limite final); *Foricidade* (não-fórico, exofórico, anafórico e intrafórico, designação que criou, para quando o autor faz referência ao próprio texto que escreve). Como Sônia Costa tem uma inclinação teórica aguda e crítica, já apresentou no texto de sua *Qualificação*, na parte intitulada *Por uma teoria da gramaticalização*, um balanço do qual destacarei um aspecto, que também muito me interessa, que é o destrinchar da multiplicidade de conceitos e suas subdivisões que estão implicados nos textos teóricos sobre gramaticalização, tais como: *parâmetros, princípios, fatores, critérios, processos, mecanismos, estágios, motivações*, usados pelos teóricos que estudou.

A tese de Anna Maria Macêdo, também em fase final de elaboração - *Gramaticalização de locuções prepositivas no galego e no português*, se centra em vasto *corpus* de textos galegos e portugueses dos séculos XIII a meados do XVI. Já tendo analisado, em sua dissertação de mestrado, de modo descritivo, essas locuções em textos portugueses do século XIII a 1500, tem agora o objetivo de interpretar os seus dados nos contextos em que ocorrem, numa perspectiva da gramaticalização. Do ponto de vista morfossintático já estabeleceu que as categorias formadoras do núcleo, ou centro, dessas locuções são em ordem decrescente: N > PREP > ADV > V, precedendo ou sucedendo ao núcleo, opcionalmente, duas ou mais preposições. Nesse aspecto de sua pesquisa, o que considera o mais problemático é determinar a fronteira entre uma locução prepositiva de núcleo nominal e um sintagma preposicionado, para o que estabeleceu uma pauta de critérios avaliativos. Está usando, na sua análise morfossintática, principalmente propostas de Heine, Claudi, Hünemeyer (1991) e de Hopper (1991 e 1993). Do conjunto numeroso de locuções levantadas, fez um recorte de sub-grupos para aprofundar tanto a formação morfossintática, quanto a análise semântica, nesta última está seguindo propostas de semanticistas como Lyons, Pottier, Coseriu e Svorou. A meu ver, é muito significativo nessa pesquisa o que se poderia designar de um dicionário de locuções prepositivas do galego e do português do século XIII ao XVI, tendo como referência o galego e o português contemporâneos, que deverá estar como *anexo* à tese. Outro aspecto da tese, já discutido nos materiais de seu *Exame de qualificação*, é a busca da definição ou conceituação dessa categoria, numa perspectiva diacrônica, que resultou, historicamente, da ampliação das preposições e das locuções prepositivas nas línguas românicas, devido à perda da marca morfológica de caso da língua-mãe, o latim.

Antes de prosseguir neste *Relato*, gostaria de informar que esse conjunto de quatro teses

resultou de projetos iniciais do PROHPOR e que, no futuro, temos a intenção de reunir, se possível em livro, o que há de comum e de diverso na formação de preposições, advérbios, conjunções e suas respectivas locuções na história da língua portuguesa, já que essas classes de palavras estão claramente entrelaçadas e constituem uma grande, difícil e instigante família.

Prosseguindo o *Relato*, tratarei de outra tese em fase final de elaboração - *A multifuncionalidade do onde na fala urbana de Salvador*, de Emília Helena Monteiro de Souza, de que sou orientadora, com a co-orientação de Myrian Silva. Na sua origem, supunha a doutoranda que faria um trabalho variacionista, o que se verificou impossível ao examinar os dados da língua falada. Sua tese se baseia no *corpus* PEPP, sobre o português popular falado em Salvador, década de 90 e de uma amostra do NURC-SSA, também dessa década. Os múltiplos usos do *onde* na fala levaram a doutoranda a reorientar o seu tema para o que se pode designar de ‘sócio-funcionalismo’ (veja-se, por exemplo, Naro e Braga (2000) e Paiva e Gomes (2001)). A forma *onde* aparece já no século XIV, designando ‘lugar em que’ e, nesse tempo, começava a descartar o etimológico *hu*; expressava não só *lugar e tempo*, mas também outras acepções mais abstratas, como *conclusão*. Esse processo de gramaticalização continua no presente. Do ponto de vista gramatical, chega a ser apenas um juntor, sem referência semântica, tendo apenas função de conectar orações. Do ponto de vista semântico, nesse último caso, o *onde* é vazio, perdeu seus traços de lugar/tempo/noção abstrata. Na sua metodologia está utilizando programas do pacote VARBRUL. Para tanto definiu grupo de fatores gramaticais, semânticos e discursivo-pragmáticos e os clássicos fatores extralingüísticos (idade, escolarização e gênero). Seu suporte teórico, além da teoria da variação laboviana, no que se refere à gramaticalização, utilizará propostas de Hopper e, do ponto de vista semântico, a teoria localista, também a dos protótipos. Além disso, por ser a Doutoranda professora de Metodologia do Português e ter despertado para o tema a partir das redações de seus alunos, dedica uma parte da tese, já submetida ao *Exame de qualificação*, uma avaliação de instrumentos pedagógicos que tratam do *onde* no português e no francês, a partir do livro de Philippe Hadermann de 1993 que analisa o *où* francês em gramáticas, dicionários e no uso falado.

Os dois últimos relatos se referem a uma dissertação de Mestrado aprovada em inícios de 2002, orientada por Therezinha Barreto e co-orientada por Dante Lucchesi, e a outra, em andamento, por mim orientada.

A dissertação de Lucas Campos (2002) - *A gramaticalização do “não” como prefixo no português* - utilizou como *corpus* o que designou de ‘registro jornalístico’ - exemplares do *Jornal A Tarde* de 1999 e de 2000, confrontando com exemplares de 1978 e o ‘registro lexicográfico’, com base no *Dicionário Aurélio*, edição de 1995. Para observar a variação do *não* com os prefixos de negação *a-*, *des-* e *in-*, utilizou o pacote de programas VARBRUL. Das setes variáveis explanatórias iniciais, o programa selecionou apenas três - classe gramatical da palavra base, a natureza do fonema inicial dessa palavra, sua constituição morfológica e a natureza do texto. Quanto à classe de palavra, é interessante destacar que, com os participios, o *não* prefixal é mais freqüente e que os substantivos foram a classe mais refratária ao *não* prefixal. Verificou também que o *não-prefixo* é mais freqüente com palavras que não possuem antônimo de negação. Comparando o texto jornalístico com o lexicográfico, o uso do *não-prefixo* é mais usual no primeiro e que está crescendo esse uso no texto jornalístico de 1978 para 1999/2000. Na interpretação da gramaticalização utilizou os clássicos princípios de Hopper e ao seu tópico se aplicaram a *estratificação* e a *divergência*. No que considerou do ponto de vista semântico, o *não*, que só antecedia verbos, passa a ser usado com adjetivos e substantivos. Conclui com Bybee *et alii* (1985: 72) que um item lexical, em processo de gramaticalização, é caracterizado pela freqüência e generalização do seu uso e, com base nos seus dados, defende que a gramaticalização do *não* é um fato evidente.

A dissertação em andamento de Pascásia Coelho da Costa - *Usos do mais-que-perfeito no português arcaico (sécs. XIV e XV)* - busca, a partir da forma etimológica, em *corpora* de textos narrativos do período arcaico, a expansão desse uso para outros, como, por exemplo, o uso da forma do mais-que-perfeito nas correlações condicionais, tanto na prótase como na apódose. Fato que pode ser exemplificado no clássico verso de *Os Lusíadas* - “e se mais mundo *houvera* lá *chegara*”. Pesquisa também a variação já existente no período arcaico entre a forma simples do mais-que-perfeito e o tempo composto (*amara* : *havia* / *tinha amado*, por exemplo). Tem também comparado o que ocorre no português arcaico, quanto ao uso da forma mais-que-perfeito, com outras línguas

românicas, especialmente as hispânicas, com base em estudos específicos e em gramáticas dessas línguas. No que se refere à gramaticalização, pelo menos, tratará do tempo composto, nesse clássico exemplo de reanálise, que fez com que *ter/haver*, verbos plenos, passassem a verbos auxiliares. Como vem demonstrando muito interesse pela semântica, possivelmente, tentará aplicar a teoria dos protótipos aos usos do mais-que-perfeito no período arcaico do português.

Esses trabalhos resenhados não esgotam o que se está fazendo em nosso Programa de Pós-graduação no âmbito da gramaticalização. Sob a orientação de Tereza Leal Gonçalves Pereira, do Grupo de Filologia Românica do Instituto de Letras da UFBA e em parceria com Rosauta Poggio, se iniciam projetos de dissertação de Mestrado, que têm como foco questões de gramaticalização do latim para as línguas românicas. São os projetos de Ângela Emília Poggio Heine, orientanda também de Maria Luiza Braga, sobre algumas preposições, como, por exemplo, *desde* e *depois*; o de Jacyara Ornellas sobre as orações reduzidas de participípio; o de Gilson Magno dos Santos sobre o acusativo latino e suas conseqüências nas línguas românicas; o de Telma Araújo sobre o percurso de gramaticalização do pronome *tal*, a partir do latim em direção às línguas românicas.

Nesse contexto recente em nosso território, como disse antes, eu também já estou me gramaticalizando: como exercício de sala de aula, retomei meus dados do projeto ‘Relações semântico-sintáticas entre *ser/estar*, *haver/ter*’ do século XIII a meados do XVI. Apliquei a esses verbos, os dois primeiros nas estruturas que designei *atributivas* (descritivas e locativas) e os dois últimos nas estruturas de posse, existencial e de tempo composto, os princípios clássicos de Hopper (1991 e 1993), associados aos princípios de Castilho (2001). Os resultados desse exercício oral e didático mostraram que todos os quatro verbos passaram pela trajetória: verbos plenos > verbos funcionais > verbos auxiliares e que a eles se aplicam aspectos da teoria localista, pois expressam *lugar*, *existência* e *posse* (cf., por exemplo, Castilho 2001: 35-36). Sobre a gramaticalização de *ser* e *estar*, já se dispõe da dissertação de Mestrado de Verena Kewitz (2002). Quando o tempo permitir, pretendo aprofundar a análise desses quatro verbos, especialmente *haver* e *ter*. Mais isso já será outro texto, outra história.

### 3 Algumas considerações e questionamentos para finalizar

Retomando a epígrafe deste texto - “É preciso que nosso trabalho filtre as idéias que importamos” e, concordando com o ponto de vista de Rajagopalan (1986: 85), que, na mesma Mesa Redonda da ABRALIN em que Borges Neto apresentou o texto da epígrafe, discutiu a necessidade de uma “comunidade interpretativa” entre os lingüistas brasileiros, considero que, passados quinze anos dessa Mesa Redonda, a Lingüística no Brasil já possui essa comunidade.

No que diz respeito à gramaticalização, aportou rapidamente no Brasil. Reativado no exterior o interesse por essa temática nas últimas décadas, segundo Campbell e Janda (2001: 93), logo vários grupos de pesquisa brasileiros se dedicaram a esse processo de constituição das gramáticas das línguas, como os da UFRJ, UFF, UNESP, USP, UFBA, UFC, PUC-MG, UFMG, UFPR...

Nas pesquisas divulgadas, já há significativa contribuição nossa, pelo menos na aplicação à língua portuguesa, do *paradigma / teoria / modelo / processo* - como se lhe queira chamar - de estudos de gramaticalização.

Essa consideração já envolve o meu primeiro questionamento. Por que seria a gramaticalização um novo paradigma na Lingüística (cf., p. ex., Martelotta *et alii* 1996: 45-75)? Todos sabemos que o termo *paradigma* é ambíguo, como mostraram as críticas à conhecida obra de Kuhn, *Estrutura das revoluções científicas*, e como mostra Cristina Altman (1998: 37), seguindo Swiggers. Talvez o pioneirismo do grupo de pesquisadores referido tenha levado seus membros, investigadores incansáveis sobre vários aspectos da gramaticalização (cf., p. ex., Votre *et alii* 1999: 85-117 e 2000: 135-153), a exagerar a dimensão dos processos de gramaticalização na constituição das línguas.

O segundo questionamento se refere à concepção da unidirecionalidade no processo da gramaticalização. Proposta cara a um dos grandes teóricos da gramaticalização, J. P. Hopper, que, desde os seus primeiros trabalhos, defende o ‘*cline canônico*’ e até hoje continua a defender, como vimos recentemente na sua *Conferência* em Salvador. Afirmou então que, até agora, são raros os casos de não-unidirecionalidade. Nos estudos relatados sobre trabalhos baianos, os fatos mostram a

não-unidirecionalidade no de Poggio (1999); no de Monteiro, em andamento, sobre o *onde*; em parte o de Barreto (1999). Saindo de nosso grupo baiano, pareceu-me claro a não-unidirecionalidade do *você*, expletivo, analisado por L. Vitral e J. Ramos (1999: 55-63). A trajetória *Vossa mercê* > *você* > *ocê* > *cê* permitiu a J. Ramos defender o caráter clítico de *cê*. Mas no artigo de 1999, detectou que não é o *cê* que é o expletivo, mas *você*. Expletivo não é mais gramaticalizado que o clítico?

Ataliba de Castilho (2002: 1) propõe a substituição do “princípio da unidirecionalidade pelo da multidirecionalidade”. Apresenta os argumentos dos defensores do primeiro e argumenta, com base numa “teoria dinâmica da língua” (p. 3), ou seja, que as línguas são um multissistema que pode ser representado em forma radial. Como o autor referido é um dos participantes desta Mesa, não me alongarei na explicitação de sua proposta. Contudo, para encerrar esse questionamento, gostaria de dizer que, desde que comecei a ler sistematicamente sobre gramaticalização, a partir de 1996, a questão da unidirecionalidade, que pode remontar *avant la lettre* a Antoine Meillet, sempre me pareceu uma herança neogramática. Lembro que Meillet se formou ainda na tradição teórica oitocentista da mudança lingüística. A predizibilidade de categorias maiores para menores soou sempre para mim como um contraponto às leis fonéticas. Não será a teoria dos protótipos um forte argumento contra a unidirecionalidade?

Não sei se multidirecionalidade em forma radial, como propõe Ataliba de Castilho, será aplicável a qualquer caso de gramaticalização; pode-se aplicar a alguns como mostrou Kewitz (2002), na dissertação já referida e Poggio (1999) na sua tese antes relatada. Para continuar com metáforas geométricas, não haveria casos de gramaticalização em que se poderia aplicar uma *polidirecionalidade*, como se fosse um percurso linear interrompível por linhas diagonais, por travessas inesperadas? A tese de Barreto (1999) sugere isso. Não estou querendo criar novos nomes para coisas velhas, mas quem trabalha com a mudança lingüística no tempo real de longa duração sabe que esse processo contínuo do fazer-se das línguas reserva muitas surpresas, muitas travessas e becos, até sem saída, sobretudo por pressões externas, pela criatividade dos falantes, por condicionamentos fora do alcance do analista. Ainda acho que, na trajetória do discurso para a gramática, na sincronia ou no tempo aparente, as surpresas da fala são ainda maiores. Estou vendo isso, acompanhando os dados e sua análise na tese em andamento de Monteiro de Souza.

O terceiro questionamento se refere ao conceito de *gramática emergente*, proposto por Hopper desde os anos oitenta. Na *Conferência* de Salvador, já mencionada, a partir de uma pergunta feita por um dos presentes, reafirmou sua posição e afirmou que “a gramática não tem regras como um todo” e que “não há uma gramática geral”; explicitou que falamos em “pequenos fragmentos” e admitiu que “provavelmente tenhamos capacidade de armazenar muitas expressões idiomáticas”.

A pergunta que a muitos dos presentes ficou por fazer, e que faço aqui é a seguinte, embora a mim pareça óbvia: como explicar (se é que é explicável) a rapidez com que ao longo dos quatro primeiros anos uma criança já pode expressar o que lhe interessa? Não sou gerativista, mas, das propostas teóricas chomskianas, o célebre dispositivo para a aquisição da linguagem me parece uma proposta muito forte, difícil de ser rebatida, em face do que se observa no cotidiano das crianças na primeira infância. Não haverá um “núcleo duro” na gramática da língua, internalizado ou não, na mente/cérebro de cada ser humano? Sei que há um princípio geral do funcionalismo, que aqui apresento na formulação de um dos decanos do funcionalismo no Brasil, Maria Helena Moura Neves: “A gramática, afinal, se molda por acomodação, sob pressão de ordem comunicativa, isto é, sobre pressão discursiva” (2002: 173). Não estou convencida disso; considero que exista algo que precede a isso. Não sendo nem gerativista, nem funcionalista, mas aceitando a rotulação que, em 1993, me deu Mary Kato de “arqueóloga estruturalista” referia-se ela a meu livro *estruturas trecentistas* (1989) –, sinto-me à vontade para levantar esse questionamento, uma vez que, trabalhando sobre a história de uma língua, a portuguesa, não posso deixar de admitir que qualquer língua histórica está em contínuo processo de mudança.

Para finalizar coloco aos presentes uma pergunta que me fiz ao assistir na ABRALIN de 1999 uma Mesa Redonda sobre gramaticalização de orações ou sentenças. Desde então me pergunto quais os limites da gramaticalização. Depois desse evento, por acaso vi em um catálogo da John Benjamins o anúncio do livro de Ramat e Hopper (1998) sobre os limites da gramaticalização. Só há poucos dias consegui a xerox desse livro. Nele, Hopper, em um dos trabalhos que constituem o livro, apresenta um, sob o sugestivo título - *The paradigm at the end of the universe* (1998: 147-157). Nesse texto diz

que a gramaticalização começa “quando colocações e formas contextualmente unidas tornam-se habituais e daí se rotinizam, desvinculadas de seus contextos restritos” (p. 152, tradução minha) e que “no outro extremo do universo, a gramaticalização move-se para a fonologia” (p. 153, tradução minha). Dentro desses limites tão bem definidos no universo de Hopper, ousou dizer, muito pode acontecer.

Considero, afinal, que há muito a acontecer para a compreensão, interpretação e explicitação de processos de gramaticalização, sobretudo no que se refere ao universo da língua portuguesa. Espero, também, que, no plano teórico, novas contribuições surjam nos grupos brasileiros que pesquisam esse tema, como, por exemplo, a da referida *multidirecionalidade* de Ataliba de Castilho. Outras já devem existir, mas confesso que não estou tão bem informada quanto desejaria.

This paper was originally produced to be presented at a panel discussion during ANPOLL/2002 Meeting, although some modifications were here introduced. It pretends to report researches produced at Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – Instituto de Letras da UFBA, concerning to gramaticalization: concluded and unfinished PhD theses and M.A. dissertations. Some inquiry about linguistic change is also related to gramaticalization process.

## Referências bibliográficas

- ALTMAN, Cristina. (1998). *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas.
- BARRETO, Therezinha. (1999). *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA. Tese inédita.
- BORGES NETO, José. (1986). Lingüística no Brasil: mera importação de modelo estrangeiros? *Boletim ABRALIN*, 8: 77-82.
- CAMPBELL, Lyle e JANDA, Richard. (2001). Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, 23: 93-112.
- CAMPOS, Lucas. (2002). *A gramaticalização do ‘não’ como prefixo no português brasileiro contemporâneo*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA. Dissertação inédita.
- CASTILHO, Ataliba de. (1997). A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*, 19: 25-63.
- CASTILHO, Ataliba de. (2001). *Introdução à lingüística cognitiva*. S. Paulo: FAPESP. Relatório de Pesquisa. Inédito.
- CASTILHO, Ataliba de. (2002). Unidirectionality or multidirectionality? São Paulo. *Comunicação ao XII Seminário of Functional Syntaxe, USP*. Digitado.
- COSTA, Sônia Borba. (1997). Adverbiais na Crônica de d. Pedro. *Estudos Lingüísticos e Literários*, 19: 239-252.
- COSTA, Sônia Borba. (2001). *Adverbiais espaciais e temporais do português: indícios de gramaticalização*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA. Inédito (Apresentado para Exame de Qualificação).
- FERREIRA, Lúcia Maria *et alii*. (2000). Uma abordagem pancrônica da sintaxe portuguesa. *Gragoatá*, 9: 135-153.
- FURTADO CUNHA, Angélica *et alii*. (1999). A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. *D.E.L.T.A.*, 15(1): 85-111.
- HEINE, Bernard; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. (1991). *Grammaticalization. A conceptual framework*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- HOPPER, Paul John e TRAUGOTT, Elizabeth Closs. (1993). On some principles of grammaticalization. In TRAUGOTT, E. C. and HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, v. I. p. 17-36.
- HOPPER, Paul John. (1998). The paradigm at the end of universe. In RAMAT, A. G. e HOPPER, J. P. *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p. 148-157.
- HOPPER, Paul John. (2002). Grammaticalization. *Conferência*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA. Inédito.
- KEWITZ, Verena. (2002). *A gramaticalização de “ser” e “estar” no período medieval e no século*

XIX. São Paulo: USP. Dissertação de mestrado. Inédita.

MACÊDO, Anna Maria. (2001). *Locuções prepositivas no galego e no português*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA. Inédito (Apresentado para Exame de Qualificação).

MARTELOTTA, Mário Eduardo *et alii*. (1996). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (1989). *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM.

MEILLET, Antoine. (1958). *Linguistique et linguistique générale*. Paris: Klincksieck.

MONTEIRO DE SOUZA, Emília Helena. (2001). *A multifuncionalidade do onde na fala de Salvador*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA. Inédito (Apresentado para Exame de Qualificação).

NARO, Anthony Julius; BRAGA, Maria Luíza (2000). A interface sociolingüística/gramaticalização. *Gragoatá*, 9: 125-134.

NEVES, Maria Helena Moura (2002). Discurso e gramática no funcionalismo. In: NEVES, M. H. M. (org.) *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP. P. 163-173.

PAIVA, Maria Conceição; GOMES, Cristina (2000). Sociolingüística: um paradigma de explicação sobre o uso da língua. In SILVA, Alacir e LINS, Maria da Penha. *Recortes lingüísticos*. Vitória/ES: Saberes. p. 137-151.

POGGIO, Rosauta Fagundes. (1999). *Relações expressas por preposições no período arcaico do português em confronto com o latim*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA. Tese inédita.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. (1986). Comunicar é preciso. *Boletim ABRALIN*, 8: 83-86.

RAMAT, Anna G. e HOPPER, Paul John. (1998). *The limits of grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

SVOROU, Soteria. (1993). *The grammar of space*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

---

\* Este texto foi originalmente apresentado em mesa-redonda do GT de Sociolingüística do Encontro Nacional da ANPOLL/2002, de que participaram Ataliba de Castilho, Maria Luíza Braga e Anthony Naro. Repete-se aqui com alguns acrescentamentos.